

Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social – fundamentos**

**CLÓVIS MOURA: TRAJETÓRIA INTELCTUAL E POLÍTICA DE UM MILITANTE SEM REPOUSO.**

**Agnus Boaesperança dos Santos Lauriano<sup>1</sup>**

**Jessyca Pacheco Pozzi<sup>2</sup>**

**João Paulo da Silva Valdo<sup>3</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo aborda a trajetória intelectual e política de Clóvis Moura. Para tal demonstrando como a história de Moura está intimamente vinculada com sua participação política em diversos espaços que foram fundamentais para sua produção teórica sobre a realidade brasileira. Produção essa que ousa interpretar o Brasil colocando o negro enquanto sujeito político ativo no processo da formação social do país. A trajetória política e intelectual de Clóvis Moura foi fundamental para a construção do seu pensamento social que inova ao questionar estruturas hegemônicas e apresentar uma formulação que traz a população negra e suas resistências para o centro da análise sobre a particularidade da realidade nacional.

**Palavras-chave:** Clóvis Moura. Trajetória Política e Intelectual. Pensamento Social Brasileiro.

## **ABSTRACT**

The present article approaches the intellectual and political trajectory of Clóvis Moura. We do so by demonstrating how Moura's history is closely affiliated with his political presence in many spaces that were fundamental to his theoretical contributions to Brazilian reality. Such contributions dares to interpret Brazil placing black people as active political subjects in the process of the country's social formation. Clóvis Moura's political and intellectual trajectory was fundamental to build its social thought that innovates by questioning hegemonic structures and presenting elaborations that bring black people and their resistances to the core of analysis

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro

over the particularities of the national reality.

**Keywords:** Clóvis Moura. Political and Intellectual Trajectory. Brazilian Social Thought.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de estudos bibliográficos e debates realizados pelo Grupo de Estudos Pensamento Social de Clóvis Moura. Esse grupo de estudos surge da articulação do Grupo de Estudos Interfaces (Universidade Federal do Espírito Santo) e Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Questão Racial e Serviço Social (Universidade Federal Fluminense), que surgiu no ano de 2021 e desde então vem sistematicamente aprofundando as leituras e discussões com docentes, estudantes de graduação e pós-graduação, profissionais e pesquisadores, sobre os fundamentos da particularidade da formação sócio-histórica brasileira, a partir das categorias do pensamento social de Clóvis Moura e a contribuição aos fundamentos do Serviço Social.

O principal objetivo do Grupo de Estudos sobre o Pensamento Social de Clóvis Moura pode ser definido em três pontos: i) a partir da obra de Clóvis Moura, reivindicar a teoria crítica no debate da questão racial para compreensão da realidade social; ii) fortalecer a interlocução entre os grupos na graduação e pós-graduação, objetivando construir produções acadêmicas e coletivas e elaboradas por mãos negras; e iii) construir um coletivo de docentes, discentes, profissionais e de militantes negras/os, para fortalecer o debate da questão racial e sua articulação com os fundamentos do serviço social.

A partir dessa direção e do acúmulo construído pelo grupo, nosso objetivo é apresentar nesse trabalho, dentro dos limites desse texto, como a trajetória política e intelectual de Clóvis Moura foi fundamental para a construção do seu pensamento social que inova ao questionar as perspectivas culturalistas e conservadoras sobre o negro no Brasil e apresentar uma formulação que traz a população negra e suas resistências para o centro da análise sobre a particularidade da formação social brasileira.

O artigo, portanto, vai apresentar inicialmente a trajetória de vida e intelectual de Clóvis Moura, e como sua inserção política foi providencial para elaboração da sua interpretação sobre o papel do negro na construção do país, e a partir desse envolvimento político Moura desenvolve uma ousada reflexão teórica que questiona o pensamento social brasileiro, sendo este o tema do segundo tópico do texto.

**1. TRAJETÓRIA INTELECTUAL E POLÍTICA DE UM INTÉRPRETE DO BRASIL.** Clóvis de Assis Steiger Moura, mais conhecido como Clóvis Moura nasceu em Amarante, interior do Piauí,

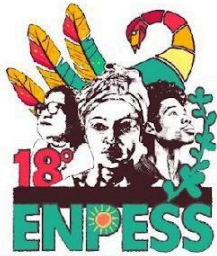
no dia 10 de junho de 1925. Era filho de uma família de classe média desta região. Seu pai, Francisco, era um homem negro descendente de escravizados e indígenas, porém filho de um latifundiário decadente do Maranhão. Sua mãe, Elvira, era uma mulher branca, descendente de escravocratas. Seu avô materno foi um barão da nobreza prussiana e tinha parentesco com uma importante família de latifundiários e políticos baianos, os Mangabeiras (MALATIAN, 2022; OLIVEIRA, 2016).

Moura iniciou os estudos no Colégio Diocesano em Teresina, porém aos 10 anos de idade mudou-se com a família para Natal e foi estudar no Colégio Diocesano Santo Antônio, cuja composição dos discentes eram de famílias de alta classe média e das classes dominantes da cidade de Natal. A chegada dos Moura na capital potiguar ocorreu poucos dias depois do Levante Comunista de 1935 deflagrado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), a experiência da “tomada do poder” durou quatro dias. Os relatos dos moradores impactaram o imaginário daquela criança de dez anos e despertaram sua simpatia pelos partidários da ANL (MOURA, 2003. p. 10).

Com o seu irmão Carlito e outros colegas participam do Grêmio Cívico-Literário 12 de Outubro e o seu jornal *O Potiguar*. Posteriormente, os membros do Grêmio travaram relações com figuras políticas como Eloy de Souza, José Pereira Lobo e Djalma Maranhão, este último era militar, participante do Levante Comunista em 1935, deputado estadual, deputado federal e prefeito de Natal cassado pela ditadura militar de 1964 (OLIVEIRA, 2016, p. 39.).

Aos 16 anos de idade, Clóvis Moura mudou-se para o Estado da Bahia, primeiro em Salvador, onde sua família permaneceu por alguns meses até a nomeação do seu pai como Fiscal de Rendas, o que o levou a ser transferido para Juazeiro, ao norte do Estado. É a partir desse período que Clóvis Moura se aproxima de um grupo de intelectuais baianos de esquerda através de troca de correspondências onde discutiam literatura, poesia, arte e política, como Darwin Brandão, Epaminondas Costa, Vivaldo da Costa Lima, Jorge Amado e Edison Carneiro. A partir dos contatos com esse grupo que o jovem piauiense entrará no Partido Comunista do Brasil, depois chamado de Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Sua militância no PCB inicia em Juazeiro a partir de 1945, onde exerce a função de Secretário de Organização do Comitê Municipal de Juazeiro, atua junto aos camponeses da região que fundam uma Liga Camponesa e trabalha na difusão da literatura comunista nesta classe social (SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES, 1973). Outra frente de atuação de Clóvis Moura foi a atuação na Associação Brasileira de Escritores (ABDE), onde a militância comunista tinha uma forte presença e participou da seção baiana da entidade e dos congressos de escritores ocorridos em Salvador e Rio de Janeiro. A atuação de Moura na entidade seguirá



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

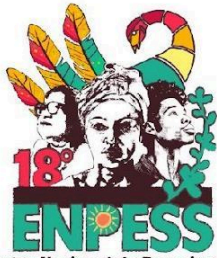
por muitos anos, quando parte da ABDE se tornará a União dos Escritores Brasileiros (UBE) e fez parte da sua direção por alguns mandatos entre as décadas de 1960 e 1980 (BRASIL, 1986). Na cidade do norte baiano, Moura também atuava com um programa de rádio sobre literatura e propagava manifestos como a do Congresso Mundial pela Paz de 1949 (MOURA para PRADO JR., 1949).

Outro fato importante na vida militante do jovem intelectual Clóvis Moura foi a sua candidatura a deputado estadual na Bahia nas eleições de 1950. Com o alinhamento automático do governo de Eurico Gaspar Dutra ao bloco capitalista sob direção dos Estados Unidos, o PCB tem a sua legenda e seus parlamentares cassados no ano de 1948, dentre eles, Giocondo Dias, um dos participantes do Levante de 1935 que estava deputado estadual pelo partido na Bahia. Moura não foi eleito deputado estadual, sua candidatura foi cassada pelo Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA), segundo um documento do Serviço Nacional de Informações (SNI), possivelmente por ser identificado como um militante comunista pelos órgãos de vigilância e repressão do Estado brasileiro. Há documentos dessas instituições de 1947 sobre as atividades do PCB baiano que o cita como um funcionário da Delegacia do Imposto de Renda em Juazeiro (BAHIA, 1947).

No mesmo período, o jovem marxista piauiense iniciou os seus estudos sobre a participação política dos negros desde a escravidão e suas rebeliões enquanto escravizados. Porém estando em lugar onde circulam poucos livros e pouco acesso a fontes históricas primárias, correspondeu com intelectuais com a finalidade de obter ajuda para sua pesquisa. Da segunda metade da década de 1940 à primeira metade da década de 1950 corresponderá com os sociólogos Emílio Willems e Donald Pierson; com o antropólogo Arthur Ramos; com o historiador Caio Prado Jr. e o etnólogo, jornalista e folclorista Edison Carneiro.

Essas trocas de correspondências expressam conflitos como no caso de Willems; desaconselhamentos para continuar o projeto, a exemplo da carta de Caio Prado Jr.; incentivos para seguir em frente, a exemplo de Pierson e Ramos; alertas para não subestimar elementos que poderiam ser colocados de lado numa abordagem materialista imediata, como a religião, segundo Edison Carneiro. Inclusive são sugeridas pesquisas em arquivos públicos e o compromisso intelectual e político na luta comunista com o povo trabalhador feita por Prado Jr. (MALATIAN, 2022; OLIVEIRA, 2016).

A partir desses contatos e pesquisando pela região do São Francisco, Clóvis Moura desenvolve o artigo *Notas sobre o Negro no Sertão* que será publicado na Revista Brasileira em 1959 e incorporado como capítulo de *Rebeliões da Senzala* em sua segunda edição em 1972.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

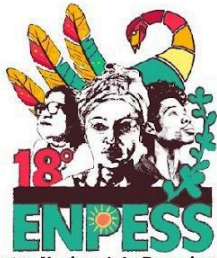
Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Nesse artigo, Moura defende que a presença negra no sertão nordestino é mais substancial que apenas nas estórias, na religião e no folclore, mas ela aparece enquanto um elemento que desestabiliza e nega a escravidão com as fugas nas matas, nas formações de quilombos como Palmares e outros, e nas guerrilhas contra a sociedade escravista, a predominância de negros entre a população e a liderança de Canudos. O negro não seria um elemento deslocado no sertão, como se referiu o historiador baiano de orientação conservadora, Luís Viana Filho, pensando que este seria apenas um trabalhador escravizado. Esse artigo é importante porque estão presentes temas fundamentais na obra mouriana, como o quilombola enquanto negação do modo de produção escravista, a crítica à historiografia e ao pensamento social conservador e culturalista e a relação entre a luta pela terra e a luta antirracista (MOURA, 1959).

Clóvis Moura também trabalha como jornalista na Bahia no jornal *O Momento* ligado ao PCB baiano e em seguida, na década de 1950, instala-se em São Paulo onde participa da Frente Cultural do partido, trabalhando em revistas como *Flama*, *Fundamentos* - esta fundada por Monteiro Lobato no final da década de 1940 e tem destacada atuação de militantes comunistas e simpatizantes como o próprio Clóvis Moura, enquanto Secretário de Redação, Caio Prado Jr., Edison Carneiro, Vilanova Artigas, Fernando Henrique Cardoso, Jorge Amado, dentre outros - e jornais como *Correio Paulistano*, *Última Hora* e *Notícias de Hoje*.

Em 1959, publica *Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições e Guerrilhas* pela pequena editora Zumbi, e essa é considerada sua principal obra até hoje por ter se tornado uma referência obrigatória na sistematização das lutas dos negros escravizados ao longo do modo de produção escravista sob diversas formas de resistências como as fugas, os quilombos, as insurreições, as participações nos movimentos políticos, entre outras. O título do livro é um claro contraponto ao livro *Casa-Grande & Senzala* do sociólogo e antropólogo conservador pernambucano Gilberto Freyre. A perspectiva de análise em *Rebeliões da Senzala* parte do materialismo histórico e de considerar o conflito entre escravizados e escravocratas como a luta de classes fundamental da sociedade escravista brasileira e ela é dinamizada por esse conflito de classes, apoiando-se em Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, na coletânea *A Guerra Civil dos Estados Unidos* e n' *O Capital*. Além de se aproximar com o sentido da colonização de Caio Prado Jr. em *Formação do Brasil Contemporâneo*. *Rebeliões da Senzala* teve mais três edições durante a vida de Clóvis Moura, em 1972, 1981 e 1986.

Adere ao PCdoB em 1962 e publica o livro *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha* em 1964 onde continua o seu combate ao pensamento conservador, dessa vez contra um intelectual visto aparentemente como um progressista e até mesmo como um socialista e era



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

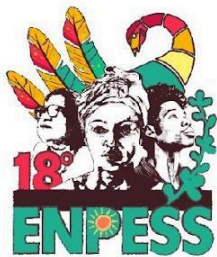
Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

referência para organizações políticas como a Ação Libertadora Nacional (ALN) (FARIAS, 2024, p. 141), mas era um partidário do racismo científico e do darwinismo social. (MOURA, 1964). Entre 1971 e 1973, trabalhou como chefe de redação do jornal *A Folha*, na cidade de São Carlos, e participou do congresso Negritude e América Latina em Dakar, no Senegal, em 1974, onde expôs posições críticas ao movimento de negritude. Em 1975, Moura também participou da redação e do comitê de direção do jornal *Movimento*, que durou até 1981.

No mesmo ano, funda o Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) com remanescentes da imprensa negra paulista e da Frente Negra Brasileira como José Correia Leite, Raul Joviano do Amaral e Aristides Barbosa, e militantes comunistas. O IBEA promoveu cursos sobre a situação do negro no Brasil e da relação entre o marxismo e a questão racial com Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Oracy Nogueira, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Jacob Gorender e outros. A entidade fundada e presidida por Clóvis Moura também foi importante para denunciar o crescimento de células neonazistas no final desta década, o assassinato de Robson Silveira da Luz pela polícia e o impedimento de três atletas negros entrarem no Clube Tietê. O IBEA foi uma das entidades articuladoras da fundação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR), pouco depois será conhecido como Movimento Negro Unificado (MNU), em julho de 1978 (IBEA, 1978).

Em 1976, lança o livro *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel* contando com uma apresentação de Jorge Amado, a publicação é uma pesquisa sobre o racismo presente em uma manifestação popular apreciada pela classe trabalhadora. No mesmo ano, é publicado *Sociologia de la Práxis* no México e dois anos depois ganhará uma edição brasileira intitulada *A Sociologia Posta em Questão*, um texto crítico à sociologia acadêmica e ao marxismo nessa instituição, qualificado por ele como “marxismo desdentado”.

Clóvis Moura publica *O Negro: De Bom Escravo a Mau Cidadão?* em 1977, onde inicia suas análises e reflexões sobre a classe trabalhadora negra a partir da formação do capitalismo dependente brasileiro, a participação do negro nos processos de emancipação da América Latina e as organizações negras enquanto grupos diferenciados e grupos específicos. Posteriormente, em 1979, escreve a apresentação do *Diário da Guerrilha do Araguaia e Sacco & Vanzetti: O Protesto Brasileiro*, mesmo abordando dois diferentes acontecimentos e em diferentes tempos e espaços, Moura faz a crítica à violência do Estado capitalista sobre os explorados em luta e como a história oficial apaga a memória a favor dos “vencedores”. Essas publicações ocorrem no mesmo contexto de emergência do movimento da classe trabalhadora com as greves metalúrgicas do ABC paulista, em especial, e da Anistia, que demonstram a crise da autocracia



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

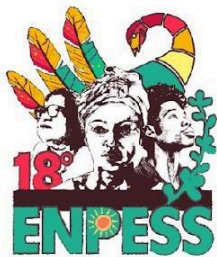
burguesa. E retoma as problemáticas de *Rebeliões da Senzala* a partir dos quilombos como instrumentos fundamentais de contraponto ao modo de produção escravista e presentes nas articulações de insurreições e no movimento abolicionista em *Os Quilombos e a Rebelião Negra*, publicado em 1981.

Em meio a formação do campo democrático e popular, cuja primeira entidade é o MNU e em seguida surge o Partido dos Trabalhadores (PT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Clóvis Moura publica em 1983, *Brasil: As Raízes do Protesto Negro*, que segundo o autor, encerra “o primeiro ciclo dos nossos estudos sobre o escravo negro no Brasil (...). A partir daqui iremos questionar a problemática do negro inserida no painel do processo revolucionário brasileiro em curso” (MOURA, 2023). Antes, em 1982, ganha o título de *doutor honoris saber* pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) que o credencia a participar de bancas de mestrado e doutorado.

Na década de 1980, Clóvis Moura qualifica e refina suas interpretações sobre a formação social brasileira e a História sob a perspectiva da participação política da população negra em *Sociologia do Negro Brasileiro*, lançado em 1988 em meio aos debates do centenário da Abolição, onde em linguagem acessível e sem perder o rigor teórico aprofunda sua crítica ao pensamento conservador, ao mito da democracia racial, formula uma articulação entre raça e classe no capitalismo dependente brasileiro e inicia a periodização da escravidão em dois momentos: o escravismo pleno e o escravismo tardio. Em 1989, publica *História do Negro Brasileiro*, livro paradigmático sobre fundamentando sobre o negro ser o principal povoador do Brasil e consolida a formulação do conceito de quilombagem como a atuação dos escravizados em longa duração contra o modo de produção escravista. No ano seguinte é lançado *As Injustiças de Clio: O Negro na Historiografia Brasileira* em que analisa sob os pressupostos do materialismo histórico como o negro foi retratado pela historiografia conservadora.

Em *Dialética Radical do Brasil Negro*, publicado em 1994, Moura consolida a sua caracterização do modo de produção escravista e a transição para o capitalismo dependente. No primeiro tema busca diferenciar-se da caracterização feita por Ciro Flamarion Cardoso e Jacob Gorender e no segundo aprofunda a periodização do modo de produção escravista em escravismo pleno e escravismo tardio e articula as determinações que levam a transição ao capitalismo dependente e o papel da população negra nesse processo.

A partir da década de 1990, Clóvis Moura se aproxima do MST e publica em 2000, o livro *Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos: Da Destruição de Belo Monte ao*



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

*Surgimento do MST*. Neste livro, o marxista de Amarante enquadra Canudos como uma luta de negros pela terra e a tentativa de formar um modo de vida alternativo ao nascente capitalismo dependente brasileiro, faz uma crítica às qualificações de milenarismo e messianismo enquanto movimentos pré-políticos, realizadas por lentes eurocêntricas e realiza uma ligação entre os quilombos, Canudos e o MST através da articulação entre questão racial e questão agrária presentes desde *Rebeliões da Senzala*.

Clóvis Moura falece em 23 de dezembro de 2003, aos 78 anos, finalizando o *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*, seu projeto de mais de trinta anos, que foi lançado no ano seguinte.

## 2. CLÓVIS MOURA: um intelectual militante crítico.

Sabemos que não serão apenas estudos e livros e pesquisas sem uma práxis política que irão produzir essa modificação desalienadora no pensamento do brasileiro preconceituoso e racista. Mas, de qualquer forma, esses trabalhos ajudarão a que se forma uma prática social capaz de romper a segregação invisível mas operante em que vive a população negra no Brasil (MOURA, 1988, p. 13).

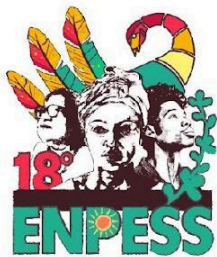
A trajetória de Clóvis Moura, conforme apontamos neste trabalho e na citação acima, expressa sua ousadia em confrontar o pensamento social brasileiro, sobretudo as leituras conservadoras e culturalistas. Mas mais do que isso, Moura apresenta uma leitura crítica do Brasil fundamentada na luta de classes, na tensão entre senhores de escravos e negros escravizados. E é exatamente nessa leitura crítica que reside sua ousadia enquanto intelectual militante.

[...] Clóvis Moura rompe o impasse existente nos círculos acadêmicos de sua época, dando um salto qualitativo no estudo da formação nacional, a partir da análise dos fenômenos nas circunstâncias operadas pela população negra. Desse modo, o autor ministra uma intensa influência no curso do fazer histórico, dos anos 1950 aos dias de hoje (FARIAS, 2024, p. 218).

Oliveira (2009) comenta que o pensamento social de Clóvis Moura consiste no esforço intelectual e militante para analisar a tensionada integração do negro na sociedade de classes. “Clóvis Moura conferiu densidade e textura às suas ideias, sempre ligado às polêmicas e tomadas de posição intelectual e política nos acontecimentos de seu tempo histórico” (OLIVEIRA, 2009, p.132).

Em sua ampla obra sobre a questão racial, Moura apresenta uma análise marxista inovadora sobre a dinâmica das relações raciais e sociais na estrutura da sociedade de classes do Brasil. Suas inovações estão principalmente na caracterização do período de escravização do Brasil como modo de produção (OLIVEIRA, 2016).





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Em *Sociologia do Negro Brasileiro*, Moura vai apresentar uma construção teórica que confronta criticamente o pensamento social brasileiro, na medida em que coloca a luta da população negra no centro da análise dos fundamentos da realidade brasileira. O próprio autor vai apontar que essa obra objetiva trazer respostas para o problema da questão racial no Brasil a partir de duas frentes, quais sejam: i) teórico, ao propor uma crítica epistemológica aos trabalhos tradicionais das ciências sociais sobre o negro na sociedade de classes; e ii) metodológico, a partir do método crítico-dialético, para explicar o processo histórico e dinâmico da luta dos negros escravizados no país.

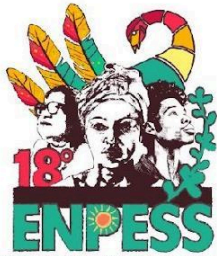
Este livro surge, pois, no momento que o problema do negro está sendo nacionalmente reposicionado e questionado em face da necessidade de uma avaliação do que foram os cem anos de trabalho livre para ele. Daí a nossa preocupação em levantar algumas questões que poderão explicar sua situação de marginalização, pobreza, discriminação e rejeição social por parte de grandes segmentos da população brasileira. Não escrevemos, pois, por causa de uma pretensa moda comemorativa (mesmo porque não há nada de comemorar), mas como um material de reflexão para todos aqueles que não se aperceberam da importância do assunto, e, ao reconhecê-la, possam fazer uma análise crítica a respeito do comportamento alienado de uma grande parte da nossa nação que os negros criaram com o seu trabalho durante quase quatrocentos anos como escravos, e, depois, com cem anos de trabalho livre (MOURA, 2019, p. 35- 36).

Ainda nessa obra, a crítica de Moura busca romper com o pensamento social subordinado a uma estrutura dependente que é mediada por dois aspectos: uma suposta imparcialidade científica e uma ideologia racista racionalizada, reflexo do processo de escravização que atravessa a formação social brasileira. Ou seja, Clóvis Moura vai elaborar uma reflexão crítica as perspectivas tradicionais das ciências sociais sobre o negro na realidade brasileira e aponta a luta de classes como instrumento fundamental para análise das desigualdades sociais e raciais do nosso país, uma construção analítica que avance em elaborações teóricas sobre os problemas reais dos negros do país, que seja ferramenta para prática.

Segundo Moura (2019), houve a construção de um aparelho ideológico de dominação da sociedade escravista que foi responsável pela formação de um pensamento social racista que permeia a realidade brasileira até os dias de hoje. Esse pensamento foi fundamental nas elaborações teóricas que esvaziaram as tensões entre os negros escravizados e os senhores de escravos e o Estado, e na construção da imagem do negro deslocada da sua humanidade.

[...] há um continuum nesse pensamento social da inteligência brasileira: o país seria tanto mais civilizado quanto mais branqueado. Essa subordinação ideológica desses pensadores sociais demonstra como as elites brasileiras que elaboram esse pensamento encontram-se parcial ou totalmente alienadas por terem assimilado e desenvolvido a ideologia do colonialismo. A esse pensamento seguem-se medidas administrativas, políticas e mesmo repressivas para estancar o fluxo demográfico negro e estimular a entrada de brancos "civilizados" (MOURA, 2019, p. 49- 50).

É através desse aparelho ideológico de dominação que se concretizou uma série de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

estratégias de imobilismo social, seja através da literatura, da cultura, da imagem do negro inferiorizada, incapacitada ao trabalho e de compor o processo de desenvolvimento do país, que já estava presente na estrutura do sistema escravista e se perpetuou no processo de transição ao capitalismo dependente.

Nessa direção, Moura também aponta que a construção desse pensamento social que apresenta o negro como entrave ao processo de desenvolvimento é fruto de uma historiografia brasileira elaborada por historiadores que cumprem o papel de intelectuais orgânicos do sistema escravista e do capitalismo dependente. Ou seja, a produção desses intelectuais exerceu a tarefa de legitimar um projeto de nação onde o negro fica propositalmente à margem do desenvolvimento.

[...] podemos verificar como é uma produção feita por intelectuais orgânicos do escravismo ou do capitalismo dependente que o sucedeu, com o objetivo ideológico de barrar as populações oprimidas, através da discriminação racial. Durante anos em que essa produção se verificou a sociedade brasileira teve nesses historiadores os municiadores de uma história que, de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, refletia os interesses das estruturas de poder dominantes, municiava-as de combustível ideológico e contribui para que se tivesse uma visão alienada dos verdadeiros agente históricos que impulsionam a dinâmica emergente da sociedade brasileira (MOURA, 1990, p. 216).

E é contrapondo essa intelectualidade que Clóvis Moura vai apresentar uma interpretação na qual o centro do tensionamento entre as classes sociais no Brasil partem da relação antagônica entre negras/os escravizados e senhores de escravos, que integra a dinâmica universal do desenvolvimento do capitalismo e sua sanha por superexploração da força de trabalho e acumulação de capital na particularidade brasileira. Por isso, Moura coloca como fundamental na sua reflexão o papel rebelde e ativo da população negra num estado permanente de tensão e resistência ao sistema escravista.

É nesse aspecto que Moura (1990) defende que a história não é somente para registrar e explicar fatos do passado ou uma simples narrativa sem conexão com a dinâmica das classes sociais. A história “[...] está inserida no quadro das ciências sociais, marca e delimita objetivos para o homem, generaliza os fatos, aponta tendências do futuro, baseado no passado (MOURA, 1990, p. 15)”. É, portanto, uma ferramenta de conhecimento que está colocada no bojo da luta de classes.

[...] não quero que exista uma sociologia *negra* no Brasil, mas que os cientistas sociais tenham uma visão que enfoque os problemas étnicos do Brasil a partir do negro pois, até agora, com poucas exceções, que se vê é uma ciência social que procura abordar o problema através de uma pseudo-imparcialidade científica que significa, apenas, um desprezo olímpico pelos valores humanos imbricados na problemática estudada por eles. Não observam, dessa maneira, que seus conceitos teoricamente corretos (dentro da estrutura conceitual da sociologia acadêmica) coloca-os “de fora” do problema, e, portanto, não penetram na sua essência, são anódinos, inúteis, desnecessários à solução da questão social e racial do negro e, por isso mesmo, sãs frutos de uma ciência sem práxis e

que se esgota na ressonância que o autor desses trabalhos obtém no circuito acadêmico do qual faz parte (MOURA, 2019, p. 33).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse gueto invisível que faz que faz do negro brasileiro ser apenas elemento consentido pela população branca e rica, autoritária e dominante, é que deverá ser rompido se o Brasil não quiser continuar sendo uma nação inconclusa, como é até hoje, isto porque teima em rejeitar, como parte do seu ser social, a parcela mais importante para sua construção (MOURA, 1988, p.13).

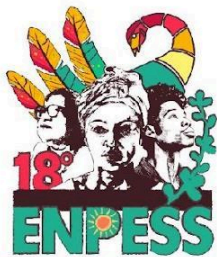
*Doutor honoris saber* pela Universidade de São Paulo, Clóvis Moura, marxista e comunista ativo, nos deu régua e compasso para o adensamento teórico e político do pensamento marxista, principalmente com a leitura contra hegemônica da intrínseca relação entre escravismo e racismo na particularidade do desenvolvimento do capitalismo dependente brasileiro e o papel ativo da população negra na história do Brasil.

[...] a obra de Clóvis Moura se encontra em oposição a explicações hegemônicas, usualmente elaboradas por pensadores com fortes conotações eurocêntricas e que são apologistas do capitalismo. Moura nos deu explicações feitas a partir da exclusão, formuladas com a falta de poder da população negra, depuradas no desejo e na luta para conquistar um mundo equitativo e humano (FARIAS, 2024, p. 218).

Não nos resta dúvidas da importância de Clóvis Moura e de sua obra para interpretação da particularidade do desenvolvimento do capitalismo dependente brasileiro e que essa produção é resultado de uma trajetória intelectual e política conectada com as lutas antirracistas do país e com uma postura de produção científica engajada com as reais necessidades da população negra e sua condição de sujeita política protagonista da história.

Cabe ainda pontuar, que reivindicar o legado do pensamento social do marxista Clóvis Moura é fundamental para a construção do debate da questão racial na direção do método de Marx para fincar nossas análises sobre a realidade do Brasil e contribuir nas discussões em torno dos fundamentos teóricos, metodológicos e históricos do Serviço Social. Ou seja, o que projetamos nesse trabalho coletivo a partir das elaborações teóricas do autor, é tratar a questão racial como elemento central da particularidade da formação social brasileira aliado ao movimento das classes sociais, que implicam diretamente na chamada questão social e no Serviço Social que tem nas suas expressões o objeto da profissão.

No próximo ano comemora-se o centenário de Clóvis Moura, e sem dúvidas temos muito a reverenciar a importância do seu legado para o pensamento social brasileiro. Moura rompeu com as leituras preconceituosas e racistas sobre o negro brasileiro. Foi um intelectual militante à frente do seu tempo, ousado e rigoroso teoricamente. Reivindicar seu legado teórico e político é reivindicar um Brasil que conheça e reconheça sua história e a história das/os suas/seus



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

trabalhadora/es, é reivindicar o método marxista que analisa a história na perspectiva do chão onde pisa a heterogênea classe trabalhadora. Clóvis Moura, presente!

## REFERÊNCIAS

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei 7484/1986 do Deputado Lúcio Alcântara (PFL-CE): **Declara de Utilidade Pública a União Brasileira dos Escritores**. Apresentado em 05 de maio de 1986 e arquivado em 01 de fevereiro de 1987. Disponível em: <https://x.gd/NIEcA>. Acesso em 25 de julho de 2024.

FARIAS, Márcio. **Clóvis Moura e o Brasil**: um ensaio crítico. 2ª Ed. São Paulo: Dandara, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS AFRICANISTAS (IBEA). **Comunicado do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) pelo seu presidente Clóvis Moura**. São Paulo, 18 de maio de 1978. Fundo Clóvis Moura, CEDEM, UNESP, Caixa CM 24. Acesso dia 25 de julho de 2024.

MALATIAN, Teresa. **Clóvis Moura**: uma Biografia. Teresina: EdUESPI, 2022.

MOURA, Clóvis. **Carta de Clóvis Moura para Caio Prado Júnior**, Juazeiro, 19 de fevereiro de 1949. Acervo Caio Prado Júnior, Arquivo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. CPJ-CP-MOURA001, Caixa 62. Acesso em 19 de maio de 2024.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre o Negro no Sertão**. São Paulo: Revista Brasiliense, nº. 24., 1959.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

\_\_\_\_\_. **O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel** (Tentativa de Análise Sociológica). São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1976.

\_\_\_\_\_. **Diário da Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979a.

\_\_\_\_\_. **Sacco e Vanzetti**: O Protesto Brasileiro. São Paulo: Brasil Debates,

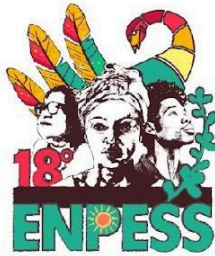
1979b. \_\_\_\_\_. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **As injustiças de Clio**. O negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

\_\_\_\_\_. **Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos**: Da Destruição de Belo Monte ao Surgimento do MST. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

\_\_\_\_\_. Um breve depoimento. In: ALMEIDA, Luiz Sávio (org.) **O Negro no Brasil**: estudos em homenagem a Clóvis Moura. Maceió: EDUFAL, 2003, pg. 09.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

\_\_\_\_\_. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois e Editora Anita Garibaldi, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas**. 5ª edição. São Paulo: Fundação Maurício Grabois e Editora Anita Garibaldi, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Negro: De Bom Escravo a Mau Cidadão?** São Paulo: Dandara Editora, 2021. 2ª edição.

\_\_\_\_\_. **Os Quilombos e a Rebelião Negra**. São Paulo: Dandara Editora, 2022. 2ª edição.

\_\_\_\_\_. **Brasil: As Raízes do Protesto Negro**. São Paulo: Dandara Editora, 2023a. 2ª edição.

\_\_\_\_\_. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Dandara Editora, 2023b. 2ª edição.

OLIVEIRA, D. de. Uma análise marxista das relações raciais. In: MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois e Editora Anita Garibaldi, 2014, p. 15-22.

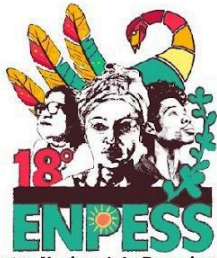
OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. **Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra**. 153 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Direito) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, Niterói: UFF, 2009.

\_\_\_\_\_. **Clóvis Moura: Trajetória Intelectual, Práxis e Resistência Negra**. Salvador: EDUNEB, 2016.

BAHIA. SECRETARIA DE SEGURANÇA DO ESTADO. **Relatório apresentado ao Sr. Ministro da Justiça Sobre as Atividades do Partido Comunista do Brasil Neste Estado**. Major Wolmar Carneiro da Cunha, Secretário de Segurança Pública. Fevereiro de 1947. Site Memórias Reveladas do Arquivo Nacional. Acesso em 20 de abril de 2024.

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES. **Documento de Informações nº 553/03/ASV/SNI/73. CLÓVIS SPTEIGER DE ASSIS MOURA**. Agência do SNI de Salvador. 06 de agosto de 1973. Site Memórias Reveladas do Arquivo Nacional. Acesso em 20 de abril de 2024.

SILVA, S. R. V. da; ELPÍDIO, M. H.; FAGUNDES, G; VALDO, J.P da S.; ALVES, L. D. **Contribuições do pensamento de Clóvis Moura para o debate da questão racial no Serviço Social**. In: XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, nº 2, 2022, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos do XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, Brasília: ABEPSS, 2023, p. 1 -20. Disponível em: <https://x.gd/gO9GH>. Acesso em 19 de ago. de 2024.



**Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

---

**Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social**